

FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão dos conceitos de corpo e motricidade

Marcel Alves Franco¹

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes²

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura, um estudo bibliográfico, acerca dos conceitos de corpo e motricidade existentes na Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty. O objetivo deste trabalho foi evidenciar os conceitos de corpo e motricidade em Merleau-Ponty e identificar implicações para a área da Educação Física. A pesquisa na fenomenologia de Merleau-Ponty aponta para um redimensionamento do olhar sobre o ser humano e a forma de ser no mundo. O movimento é compreendido como linguagem sensível que manifesta a intenção do ser em relação ao mundo, ao espaço, aos outros, às coisas, favorecendo a uma ampliação na concepção de corpo que historicamente se instituiu na Educação Física: do corpo enquanto objeto de estudo; para também considerá-lo como corpo sujeito. Além de ser orgânico, o corpo é social, cultural e histórico.

Palavras-chave: Fenomenologia; Corpo Próprio; Motricidade

1 Mestrando em Educação Física. UFRN, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: macfranco1@gmail.com

2 Doutora em Educação. Docente do Departamento de Educação Física, UFRN, Natal/Rio Grande Do Norte, Brasil. E-mail: isabelbsm1@gmail.com

INTRODUÇÃO

Perceber o corpo como uma máquina, ou um objeto, não pode ser considerado um erro. Partindo de determinada situação histórica, houve um movimento de se conhecer o funcionamento orgânico do corpo. Todavia, o corpo como objeto de estudo ultrapassa diversas áreas do conhecimento, seja Fisiologia, Psicologia, Antropologia, etc. Então, por que considerá-lo apenas numa perspectiva orgânica?

Neste sentido, vamos buscar fundamentos na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) por diferir seu entendimento do corpo das ciências positivistas, sem refutá-lo. Para este filósofo, “eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 207-208), ou seja, rompe-se com a ideia de objeto de estudo e o apresenta na esfera da existência, em nossa condição de sermos corpos vivos.

Partindo de um estudo bibliográfico, desenvolvido através de material previamente elaborado, como por exemplo, livros e artigos científicos (GIL, 2002), revisamos a Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 2011), no intuito de entendermos melhor o corpo na concepção fenomenológica. Ao abordarmos o corpo na Educação recorremos à Santos, Caminha e Freitas (2012) e no caso mais específico da Educação Física, à Nóbrega (2005; 2009).

Como objetivo, este estudo visa evidenciar os conceitos de corpo e motricidade em Merleau-Ponty e identificar implicações

para a área da Educação Física. Sendo assim, para clarear a abrangência de tal problemática, faz-se necessário contextualizar o que é a fenomenologia em si, como esta surge enquanto movimento filosófico e apresentarmos alguns conceitos básicos que são indispensáveis para alcançarmos nossa proposição: o de corpo próprio e o de motricidade.

Segundo Dartigues (2008, p. 9), etimologicamente, “a *fenomenologia* é o estudo ou a ciência do fenômeno”. Na obra *O que é a Fenomenologia?* este autor apresenta como esta foi concebida a partir de seu mentor Edmund Husserl (1859-1938):

[...] O sentido da fenomenologia é, de início, fazer aparecer a consciência transcendental como existência; com isso ela reconduz o fenômeno psíquico à sua fonte, vendo nele não um fato ou um objeto, mas uma maneira de existir, isto é, uma maneira de se escolher e de se compreender, logo, de escolher e de compreender o mundo [...]. (DARTIGUES, 2008, p. 90).

Um ponto importante a se destacar em relação às considerações iniciais de Husserl é que ele aponta para uma consciência transcendental que surge por meio da redução fenomenológica: “O recuo pelo qual a consciência se desprende do mundo e dele toma consciência é também aquele pelo qual ela age sobre o mundo para transformá-lo” (DARTIGUES, 2008, p. 98). Recebendo críticas de Martin Heidegger³ (1889-1976), um de seus alunos, Husserl posteriormente reformula a noção

3 Para Heidegger, a fenomenologia deve ser a analítica do *Dasein* (termo que expressa “existência” em alemão ou literalmente “ser/estar aí”), uma análise que busca compreender como as coisas surgem a nós durante nossa existência no mundo (na interação com ele).

de redução e lhe atribuirá o sentido do “mundo vivido”. Antes, o que seria estipulado enquanto recuo, e também contemplação, agora é aceitação: o envolvimento num mundo. Portanto, a fenomenologia

é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca, em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1).

É relevante neste momento destacar que, para Merleau-Ponty o corpo é central em sua filosofia, pois, este é “ser no mundo”, ou seja:

O reflexo, enquanto se abre ao sentido de uma situação, e a percepção, enquanto não põe primeiramente um objeto de conhecimento e enquanto é uma intenção de nosso ser total, são modalidades de uma *visão pré-objetiva* que é aquilo que chamamos de ser no mundo. Para quem dos estímulos e dos conteúdos sensíveis, é preciso conhecer um tipo de diafragma interior

que, muito mais do que eles, determina aquilo que nossos reflexos e nossas percepções poderão visar no mundo, a zona de nossas operações possíveis, a amplitude de nossa vida (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 118-119).

Dessa forma, podemos entender a fenomenologia de Merleau-Ponty⁴ como uma possibilidade de perceber o corpo como o ser, a própria manifestação da existência do ser em direta relação com o mundo e com outros. Além disso, o movimento passa ser compreendido como linguagem, uma comunicação sensível que por si só é intencional, pois, ser corpo implica habitar o mundo, o tempo, o espaço, ser sexualidade, expressão e fala.

Considerações sobre o corpo próprio de Merleau-Ponty

Retornando à questão original, o corpo, percebemos perante a fenomenologia de Merleau-Ponty que o ser não se realiza simplesmente pelo fato de pensar ou de ter a capacidade de transcender a si mesmo e se desligar – ou deixar entre parênteses – os juízos que se tem do mundo para ver seus fenômenos: nesta perspectiva ele será considerado, como denomina Dentz (2008), “mediador ativo entre o sujeito e o mundo” ou seja, nem puramente biológico nem puramente subjacente à esta condição material. Em outras palavras, “Para que o corpo de ação venha a se engajar, é necessário que ele se transforme fundamentalmente

4 Segundo Matthews (2010), como influências sobre Merleau-Ponty estão presentes: a versão hegeliana do marxismo, a psicologia da forma, Gestalt, Henri Bergson e Gabriel Marcel (filósofos franceses contemporâneos), Descartes e Kant (filosofia ocidental) e, principalmente, a fenomenologia de Husserl (e suas reformulações após as críticas de Heidegger quanto o estudo do Ser enquanto Ser (ontologia fenomenológica).

e que ele manifeste não somente a vontade do ON (do TODO, do Social, da História, da Cultura), mas ainda e primeiramente a vontade de uma pessoa” (DENTZ, 2008, p. 306).

Percebemos a partir deste último comentário, elementos que sintetizam o corpo próprio do qual Merleau-Ponty fala: primeiramente, a corporeidade refere-se à realização da existência no corpo, e nas palavras de Merleau-Ponty (2011, p. 204) “Meu corpo é esse núcleo significativo que se comporta como uma função geral que, todavia, existe e é acessível à doença”.

Noutro momento, tem-se que este corpo é engajado, é “ser no mundo”, o que significa afirmar a condição pré-reflexiva do sujeito quanto à sua relação de tensão para com o mundo:

Não estou, enquanto sujeito, fora do tempo e do espaço: sou necessariamente ‘incarnado’ ou ‘incorporado’ em certa situação histórica [...]. Minhas experiências do mundo e é o mundo que dá sentido às experiências que tenho. Por isso não posso separar o próprio mundo do mundo enquanto significados para mim: ser humano, segundo Heidegger, é ‘ser-no-mundo’ (MATTHEWS, 2010, p. 27-28).

Na *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo abre uma seção para tratar do corpo e nela apresenta a noção do corpo próprio e elementos que tecem críticas à algumas teorias, seja da ciência ou da filosofia tradicional, com o objetivo de firmar o fenômeno da existência a partir da corporeidade.

Desse modo, Merleau-Ponty (2011) faz uma reflexão sobre a questão da temporalidade, da espacialidade, da sexualidade do corpo. Além dessas, o autor reflete sobre

a intencionalidade do corpo e a motricidade, as quais buscaremos aprofundar nas seções seguintes deste trabalho.

Portanto, no tocante à noção de temporalidade, para a fenomenologia o tempo não é uma entidade, anterior ou exterior ao ser vivo (DENTZ, 2008). O corpo ocupa o tempo, vive o tempo. Sua relação com o mundo lhe faz viver e significar o tempo. Seu passado não deixa de existir, nem de marcar o corpo com cicatrizes e significados atribuídos durante as experiências e vivências; nem o futuro, em seu devir, mesmo ainda não presente, não é intocável à capacidade do corpo de atribuir sentidos e intencionar em sua direção. Dessa forma, afirma-se a historicidade do corpo, a sua temporalidade viva.

Assim como está necessariamente “aqui”, o corpo existe necessariamente “agora”; ele nunca pode tornar-se “passado”, e se no estado de saúde não podemos conservar a recordação viva da doença, ou na idade adulta a recordação de nosso corpo quando éramos crianças, essas “lacunas da memória” apenas exprimem a estrutura temporal de nosso corpo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 194).

Para além da temporalidade, o corpo é constituído pela espacialidade, o fato de pôr-se em situação em sua unidade: “Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva de nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 199). O que nos remete diretamente ao esquema corporal, que condiz ao “sistema de equivalências”, ou seja, a ocupação do corpo no espaço, respondendo

à solicitação do mundo, intencionando-o, relacionando-se com ele a partir dos seus gestos, movimentos, e percebendo-o por meio desta experiência.

[...] O sujeito normal possui seu corpo não apenas como sistema de posições atuais, mas também, por isso mesmo, como sistema aberto de uma infinidade de posições equivalentes em outras orientações. [...]. Esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 196).

Dessa forma, reafirmamos o poder elementar da motricidade em criar sentidos e, ao mesmo tempo, reconhecer que sendo corpo, por ele e através dele podemos constatar outras potencialidades, tais como: representar, sentir, perceber e imaginar. Em se tratar do corpo em movimento, “vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 149).

Desse modo, reconhecemos que possuímos, então, a capacidade de dilatar nosso ser no mundo anexando novos instrumentos, o poder de exprimir modalidades de existência, ressaltando-se a questão do corpo enquanto fala e expressão, identificando, concomitantemente, o poder de comunicação, de intencionar a si mesmo, ao outro e ao mundo.

Motricidade como linguagem da existência

Antes mesmo de começarmos a refletir sobre qualquer coisa, já fazíamos uso do corpo. A sobrevivência, por exemplo, era e ainda é uma das principais inspirações para o reconhecimento do sentido de valorização do corpo para nossa existência. Isso significa que seja nos tempos antigos ou na contemporaneidade, o corpo sempre se fez presente.

No entanto, devemos ressaltar que a sobrevivência não é a única fonte de significação para o ser humano, pois, em sua condição simbólica, este consegue criar e atribuir sentidos tanto para si mesmo, quanto para as coisas do mundo. Dessa forma, refletindo sobre a motricidade, Carmo Júnior (2005, p. 13) assegura que esta condiz ao status de linguagem: “Muito mais do que um organismo, natural por sua fisiologia e conceitual pelo sentido dado, o homem é ser em movimento que faz acontecer sua corporeidade, na arte, na linguagem, na fala, na gestualidade e nas expressões da sua motricidade”.

Na interpretação de Dentz (2008), Merleau-Ponty irá compreender o corpo, o corpo-vivido (ou a subjetividade), como um entrelaçamento, uma tensão-dialética, que deve ser entendido a partir de um movimento original de intencionalidade corporal, tendo em vista que: “[...] o corpo não está aberto, mas se abre para o mundo e a este visa como tal; e, em segundo momento, porque vive e experiência o mundo, ele é transcendência-vivida deste ser-no-mundo” (DENTZ, 2008, p. 299).

Para a fenomenologia, o corpo em movimento, como nos refere Santos, Caminha e Freitas (2012), é sempre intencionalidade motora, situando o corpo no mundo,

posicionando-o em relação às coisas e nos permitindo conhecê-las de diversos e infinitos pontos de vista, tornando o ser humano o resultado de todo esse processo constitutivo.

Nas palavras do próprio filósofo:

a experiência do corpo nos faz reconhecer uma imposição do sentido que não é a de uma consciência constituinte universal, um sentido que é aderente a certos conteúdos. Meu corpo é esse núcleo significativo que se comporta como uma função geral que todavia existe e é acessível à doença. Nele aprendemos a conhecer esse nó entre a essência e a existência que em geral reencontraremos na percepção [...] (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 203-204).

Considera-se também que temos o poder de pensar, de gesticular, de perceber enquanto nos movemos – e que, segundo o filósofo, não são instâncias separadas –, de pertencer tanto ao mundo natural e ao cultural, de aprender e ensinar comportamentos, construirmos e de sermos linguagem. Ou seja, assumirmos a posição do sujeito perante/estando no mundo e com suas significações, enfim, de transcender.

A experiência do corpo próprio, ao contrário, revela-nos um modo de existência ambíguo. Se tento pensá-lo como um conjunto de processos em terceira pessoa – “visão”, “motricidade”, “sexualidade” – percebo que essas “funções” não podem estar ligadas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade, todas elas estão confusamente retomadas e implicadas em um drama único. Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita

e confusa (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 268-269).

Como se apresentou anteriormente, o corpo é uma unidade total. É biológico, é cultural, é histórico, enfim, o corpo manifesta o poder de ser ambíguo. A experiência do corpo é confusa, suas diversas funções historicamente foram analisadas de diversas maneiras e de forma fragmentada. Notadamente, isto nos trouxe muitos benefícios, avanços na área da medicina, da psicologia, da sociologia, entre outras ciências e áreas afins.

Nosso caso específico da Educação Física, refletir sobre a historicidade da temática do corpo, sobre o fenômeno da educação, sobre a relação entre professor, aluno e conhecimento poderá nos encaminhar para mudanças sociais e culturais que evidenciam o corpo.

Assim, não somente como objeto, mas também como sujeito, o corpo se encontra em constante relação com o mundo e com os outros, seu movimento manifesta sua intenção de existir, os sentidos que este atribui aos fenômenos, de ocupar e viver os espaços. Enfim, parafraseando Merleau-Ponty (2011), o corpo é o meio geral de ter o mundo.

Corpo e motricidade na Educação Física: considerações finais

Segundo o que fora exposto, é possível observar que o corpo não é somente objeto, nem somente sujeito, mas sua unidade é ambígua. Ele é biológico, como também cultural. Ele é expressão e linguagem em si, justamente pelo poder de significar e por estar engajado no mundo com outros seres.

Sendo constituída também enquanto experiência vivida, a educação contribui na compreensão do mundo e na constituição do ser humano como um ser engajado nele. Partindo desse pressuposto, concordamos com Santos, Caminha e Freitas (2012) ao afirmarem que a aprendizagem humana ocorre por todo o seu corpo, seja pela sensação, percepção, imaginação e intuições estimuladas pela intersubjetividade.

No tocante ao campo educacional da Educação Física, percebemos que a depender da abordagem assumida, temáticas são geradas e, conseqüentemente, conceitos que sustentam dada concepção de corpo, sociedade, saúde, entre outros. Assim, se temos a Educação Física como tempo/espaço de exercícios físicos apenas, onde ressalta-se a perspectiva biologicista, as solicitações gestuais e expressivas do sujeito serão reduzidas à repetição, ao recorte do conhecimento advindo da biomecânica, da fisiologia e isso traz implicações diretas ao corpo – do aluno – e no descobrimento e/ou desenvolvimento fragmentado de suas potencialidades e formas de conhecimento.

Partindo de outro ponto de vista, se solicitarmos para este ser humano, uma forma diferente de se expressar, de criar uma linguagem, perceberemos que independente de abordagem, o corpo é a fonte desse conhecimento, da emanção e manifestação da criatividade e da comunicação, sendo, ao mesmo tempo, através dele que realizamos todos estes movimentos.

Esse processo de conscientização apresenta-se como um desafio para os profissionais da Educação Física, refletindo-se acerca dos valores que permeiam a concepção de corpo, de objeto a sujeito do movimento. Os profissionais dessa área têm muito a contribuir com a

educação, socializando um novo conceito de corpo, a partir das diferentes manifestações motoras que, historicamente, fazem parte do seu acervo e outras, que possam vir a incorporar-se, considerando-se também que o movimento deve despertar no sujeito a percepção de si mesmo como ser corporal, em relação com os outros e com o mundo, e da sensibilidade como atribuidora de significado às ações humanas (NÓBREGA, 2009, p. 92).

Nesta lógica, até mesmo a educação, por exemplo, também é uma experiência corporal que deve ser entendida enquanto um fenômeno construído pelos seres humanos. A educação possui como alguns de seus objetivos a própria reflexão sobre a condição humana, sobre suas relações vivenciadas no mundo e ampliação da consciência ao mesmo tempo em que se desvelam os condicionantes culturais e investe-se numa desalienação. Por fim, a educação representa uma estrutura com íntima relação de coexistência entre o mundo e o sujeito de forma dialética, o que sustenta a premissa de que o sujeito aprende com o corpo.

Por essa compreensão de aprendizagem é importante ressaltar as palavras de Nóbrega (2005), quando a autora destaca que:

a cognição emerge da corporeidade, expressando-se na compreensão da percepção como movimento e não como processamento de informações. Somos seres corporais, corpos em movimento. O movimento tem a capacidade não apenas de modificar as sensações, mas de reorganizar o organismo como um todo, considerando ainda a unidade mente-corpo. Essa proposição geral sobre a percepção se aproxima da apropriação *enactiva*, na qual a cognição é inseparável do corpo, sendo uma

interpretação que emerge da relação entre o eu e o mundo, corpo e mente, nas capacidades do entendimento. [...]. A mente não é entidade "des-situada", desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradições das concepções representacionistas se enganam ao colocar a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo (NÓBREGA, 2005, p. 606-607).

Com um sentido mais profundo, observa-se a necessidade de se perceber a corporeidade enquanto condição de existência. O ser-no-mundo que observamos na fenomenologia aparece como dotado de funções orgânicas, simbólicas, linguísticas, sexuais, perceptivas e motoras. Dessa forma, o corpo para Merleau-Ponty não é o fundo de uma consciência transcendental. Este do qual falamos, estudamos e vivemos, somos nós.

Enfatizando as palavras de Nóbrega (2009), quando esta reflete sobre a Educação Física e a possibilidade de ampliação da percepção de conceitos como saúde, bem-estar, corpo, cultura, capacidades motoras, entre outros, devemos visar o redimensionamento do ser humano e da vida.

A Educação Física, ao intervir sobre o corpo e o movimento, deve estar atenta para os aspectos da saúde, do bem-estar, do desenvolvimento das capacidades motoras e orgânicas, mas deve ampliar o seu campo de referências para a questão ética e estética do movimento, a beleza e harmonia dos gestos, sua relação com a identidade do ser humano e a relação com a cultura, possibilitando ampliar a percepção de si mesmo, do outro e do mundo,

contribuindo para o redimensionamento do ser humano e da vida no planeta, tendo como referência básica a corporeidade (NÓBREGA, 2009, p. 92-93).

A Educação Física, portanto, apresenta-se como um rico campo de possibilidade de estudo sobre a temática do corpo, como de intervenções sobre o mesmo. Essa ambiguidade não a desqualifica, ou a fragmenta, ao contrário, aponta para as possibilidades do corpo que podem ser investigadas, recriadas, ressignificadas, mas nunca findadas. O corpo, assim como o horizonte, é impossível de ser totalmente alcançado, da mesma forma são as formas de uso, de conhecimento do mesmo.

Neste sentido, pensamos que um dos principais papéis que a Educação Física desempenha seria o de ensinar as pessoas uma forma de se conhecerem, de explorar seu corpo e suas possibilidades de expressão, de compreenderem a amplitude das dimensões de sua corporeidade, ou seja, a ordem natural e a cultural, a objetiva e a subjetiva, o concreto e o simbólico.

REFERÊNCIAS

- CARMO JÚNIOR, W. do. **Motricidade Humana:** aproximações sobre a corporeidade. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação/UNICAMP. Campinas – SP: [s, n], 2005.
- DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10. São Paulo: Centauro, 2008.
- DENTZ, R. A. Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty. *In: Intuição*, Porto Alegre/RS, v.1, n. 2, nov. 2008, p. 296-307.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa. 4.** São Paulo: Atlas, 2002.
- MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty.** Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2010. (Série Compreender).
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do pensamento moderno).
- NÓBREGA, T. P. da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *In: Revista Educação & Sociedade*, v. 26, n.91, p. 599-615, Maio/Ago, 2005.
- _____. **Corporeidade e Educação Física: do corpo objeto ao corpo sujeito.** 3. Natal: EDUFERN – Editora da UFRN, 2009.
- SANTOS; L. A. M.; CAMINHA, I. de O. FREITAS, A. G. B. de. O corpo próprio como princípio educativo: reflexões a partir das contribuições de Merleau-Ponty. *In: HERMIDA, J. F.; ZOBOLI, F. (org.). Corporeidade e Educação.* João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. (p. 77-114).

PHENOMENOLOGY AND PHYSICAL EDUCATION: a review of the body and motricity's concepts

ABSTRACT

This work is characterized as a literature review, a bibliographic study, about the existing body and motricity concepts in the Phenomenology of Perception, from Merleau-Ponty. The objective of this study was to demonstrate the concepts of body and motricity in Merleau-Ponty and identify implications for the field of Physical Education. The research in Merleau-Ponty's Phenomenology indicates a reshaping the look on the human being and the way of being in the world. The movement is understood as sensitive language that expresses the being's intention in relation to the world, to space, to others, to things, favoring an amplification in the concept of the body that historically was instituted to Physical Education: the body as an object of study; to also consider it as subject body. Besides being organic, the body is social, cultural and historical.

Keywords: Phenomenology; Own Body; Motricity

FENOMENOLOGÍA Y EDUCACIÓN FÍSICA: una revisión del conceptos de cuerpo y motricidad

RESUMEN

Esta obra se caracteriza como una revisión de la literatura, un estudio bibliográfico, sobre los conceptos de cuerpo y motricidad existente en la Fenomenología de la Percepción, en Merleau-Ponty. El objetivo de este estudio fue demostrar los conceptos de cuerpo y motricidad en Merleau-Ponty y identificar las implicaciones para el campo de la Educación Física. La investigación en la Fenomenología de Merleau-Ponty indica una nueva mirada en el ser humano y como estar en el mundo. El movimiento se entiende como un lenguaje sensible manifestando la intención de estar en relación con el mundo, al espacio, a los demás, a las cosas, favoreciendo una ampliación en el concepción del cuerpo que históricamente fue instituido en la Educación Física: el cuerpo como un objeto de estudio; para también considerarlo como un cuerpo sujeto. Además de ser orgánico, el cuerpo es social, cultural e histórico.

Palabras Clave: Fenomenología; Cuerpo propio; Motricidad

Recebido em: abril/2015
Aprovado em: setembro/2015